

Frejat defende plano que criou

CORREIO BRAZILIENSE

5 ABR 1986

A integração do sistema de atendimento médico-hospitalar do Distrito Federal não vai modificar fundamentalmente o plano de saúde da cidade. A proposta de unificação, já defendida na época da implantação do plano em 1979, vai complementar a estrutura de saúde já existente. Para que ela venha a funcionar efetivamente, entretanto, é necessário a ampliação da rede física de hospitais e centros de saúde e uma melhora substancial nos mecanismos de gerenciamento de recursos por parte da Secretaria de Saúde. A posição é do ex-secretário de Saúde, Jofran Frejat, responsável pela implantação do sistema regionalizado e hierarquizado de saúde da cidade.

"A integração é a única saída para o sistema, não só do DF como de todo o País", afirma Frejat. Ele lembra que a unificação já era defendida no período em que esteve à frente da Secretaria, entre 1979 e 1983. Diante das resistências colocadas pelo próprio Inamps e pelos hospitais militares, a idéia foi posta de lado. Posteriormente, na gestão do ex-ministro da Previdência Social, Hélio Beltrão, em 1983, a integração voltou a ser defendida através da implantação das Ações Integradas de Saúde, cujo pressuposto básico é a universalização e descentralização do atendimento à população. Atualmente, todos os Estados brasileiros, segundo Frejat, já assinaram convênios com o Ministério para a implantação das AIS.

ESQUECIMENTO

Apesar de defender a proposta, Frejat prevê muitos problemas a serem superados. O primeiro deles é a própria limitação da rede física do sistema. Na sua avaliação, a estrutura

de hospitais e centros de saúde existentes hoje é deficiente na medida em que não acompanhou o crescimento da população.

No plano original de saúde estava prevista a construção de 41 centros de saúde, um para cada comunidade de 30 mil pessoas. Assim, Ceilândia, que em 1980 possuía cerca de 300 mil habitantes, ficou com 10 centros de saúde e um Hospital Regional. Para Sobradinho, com 65 mil habitantes, coube dois centros de saúde, e assim por diante. Determinava ainda que cada vez que a população crescesse em 30 mil pessoas novo centro seria construído.

"Ocorre que de lá para cá o Governo esqueceu-se de ampliar o sistema e os problemas foram se avolumando", afirma Frejat. Lembrou que a rede continua exatamente igual há dois anos quando se afastou da Secretaria de Saúde. Ele considera urgente a construção de um novo hospital na Ceilândia, assim como a ampliação do número de centros de saúde.

Frejat não descarta a resistência de algumas instituições, e até os médicos poderão oferecer proposta de integração. Isso porque os hospitais não querem abrir o poder que têm de gerir recursos humanos e financeiros de grande vulto. Já os médicos dificilmente vão se dispor a participar de um projeto como o do médico de família, por exemplo, pois serão obrigados a morar em cidades-satélites ou na região do Entorno para exercer seu trabalho.

INJUSTIÇA

A falta de um bom gerenciamento de recursos por parte da Secretaria de Saúde também é apontada como um fator problemático na opinião de Frejat. Ape-

sar de hoje o setor saúde contar com quase 23 por cento do orçamento do GDF, essa verba não consegue atender plenamente às necessidades do sistema. Faltam remédios, materiais, equipamentos e os profissionais da Fundação Hospitalar se ressentem da má remuneração. Segundo ele, se não houver uma mudança profunda nessa área, nem mesmo a unificação do orçamento da Secretaria de Saúde com o Inamps vai conseguir melhorar os sistemas.

Jofran Frejat apóia o projeto de dinamização do atendimento nos centros de saúde. Ele afirma que na proposta original estava previsto o funcionamento de um setor de pronto-atendimento e uma farmácia bem equipada nesses centros. Ocorre que depois de seu afastamento da Secretaria, os setores de pronto-atendimento foram desativados por pressão do Sindicato dos Médicos. As farmácias, em função dos problemas de gerenciamento, foram se esvaziando e hoje pouco podem oferecer aos pacientes. "Na verdade, o que foi proposto pelo grupo de trabalho é uma repetição do que nós já prevíamos", resume.

O ex-secretário de Saúde considera uma "injustiça" as acusações de que o plano de saúde da cidade, inspirado no modelo inglês, tenha privilegiado a população do Plano Piloto em detrimento das cidades-satélites. Ele afirma que quando assumiu a Secretaria já havia uma grande concentração de instituições médico-hospitalares no Plano Piloto. A Ceilândia, por exemplo, com seus 300 mil habitantes, não tinha sequer um hospital regional. Segundo Frejat, dos 1 mil 700 leitos da Fundação Hospitalar, mais de 1 mil estavam no Plano Piloto.